

## BRINQUEDOS E IDENTIDADE: A REPRESENTATIVIDADE NEGRA A PARTIR DA BRINQUEFAE/UFPEL

**MATHEUS DE CASTRO MATHIAS<sup>1</sup>; NICOLE MENDES MACHADO<sup>2</sup>; EDSON PONICK<sup>3</sup>; ROGÉRIO COSTA WÜRDIG<sup>4</sup>**

<sup>1</sup>*Universidade Federal de Pelotas – matheusdecastromathias@gmail.com*

<sup>2</sup>*Universidade Federal de Pelotas – nicolemendes1213@gmail.com*

<sup>3</sup>*Universidade Federal de Pelotas – edsonponick@gmail.com*

<sup>4</sup>*Universidade Federal de Pelotas - rocwurdig@hotmail.com*

### 1. INTRODUÇÃO

Atualmente muito se fala sobre diversidade, inclusão e representatividade. No entanto, ao observar espaços voltados à infância, como a Brinquedoteca da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pelotas, BrinqueFaE/UFPel, ainda é possível perceber que esses discursos nem sempre se concretizam. De um acervo composto por centenas de brinquedos (em torno de 500 brinquedos), a quantidade de bonecos(as) negros(as) ainda é extremamente reduzida, não passando de 11. Esses dados refletem um problema mais amplo e estrutural do racismo presente na sociedade brasileira.

O racismo estrutural age de forma invisível, contínua e profunda, moldando a sociedade de tal forma que favoreça pessoas brancas e exclua pessoas negras. Negar a presença do racismo estrutural na sociedade, no ambiente cotidiano e na infância é negar humanidade às pessoas negras e fortalecer a branquitude enquanto uma condição e espaço de poder e privilégios (RIBEIRO, 2019).

Almeida (2019) conceitua o racismo estrutural como um conjunto de práticas e normas, conscientes ou inconscientes, que estão embutidas nas instituições sociais e que reproduzem desigualdades raciais de forma sistemática e intergeracional. Diferente do racismo individual, ele normaliza relações de poder político, econômico e social, mantendo exclusões históricas que persistem (ALMEIDA, 2019, p. 30).

Esse trabalho dá continuidade a uma ação de pesquisa iniciada em 2024 (MIRANDA; WÜRDIG, 2024) que identificou e catalogou o acervo de brinquedos da Brinquedoteca. A partir dessa análise, objetivamos discutir como o número reduzido de bonecos(as) negros(as) pode impactar na identidade étnico-racial, considerando que a não representatividade compromete a construção de uma autoimagem positiva para crianças negras e contribui para o apagamento de suas referências culturais, desde os primeiros anos de vida.

Ao acessarmos o histórico do acervo da brinquedoteca, identificamos que a grande maioria dos brinquedos é oriunda de doações. Isso pode ser entendido como um espelho daquilo que determinadas famílias, grupos e parte da sociedade consome, valoriza, guarda e repassa para outras crianças. O reduzido número de bonecos(as) negros(as) destinados para as doações revela o apagamento simbólico que começa dentro de casa e segue se repetindo nas instituições: crianças negras seguem sendo pouco representadas nos brinquedos disponíveis, nos desenhos que assistem e nos personagens que ocupam os lugares de destaque.

Essa ausência não é neutra. Ela impacta diretamente na construção da identidade e da autoestima. Quando uma criança cresce cercada de brinquedos e histórias onde ninguém se parece com ela, aprende, de maneira silenciosa, que não está no centro da narrativa, que o protagonismo pertence a outros. Por isso, pensar em representatividade no brincar é um passo urgente. Não se trata apenas de ampliar a diversidade do acervo da brinquedoteca, mas de refletir sobre o que a composição desse acervo diz sobre a nossa sociedade. É preciso questionar: Quem está presente? Quem está ausente? O que essa ausência está ensinando às nossas crianças?

## 2. METODOLOGIA

Trata-se de uma ação de pesquisa numa abordagem quantitativa e qualitativa, que discute o reduzido número de bonecos(as) negros(as) no acervo da Brinquedoteca e os impactos dessa lacuna na construção da identidade de crianças negras. A investigação foi realizada por meio de observações, identificação, mapeamento e descrição dos(as) bonecos(as), complementados por vídeos e documentários referentes ao tema em estudo. Além disso, foram analisados materiais teóricos e documentos que tratam da infância negra, da representatividade e do papel do brincar na formação identitária.

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares e tradições populares, referências civilizatórias que marcam a condição humana (NOVAES, 1993, p. 41, apud GOMES, 2017, p. 3).

## 3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A análise do acervo de brinquedos evidenciou uma significativa ausência de representatividade racial entre os brinquedos disponíveis, especialmente no que diz respeito a bonecos(as) negros(as). Essa ausência não é fruto do acaso, mas de um contexto social e histórico no qual a valorização da branquitude se manifesta de forma naturalizada, enquanto a negritude é sistematicamente invisibilizada.

No mercado que produz brinquedos para as crianças, observa-se que bonecos(as) negros(as) são fabricados em menor quantidade, 13.6% (AVANTE, 2023) do total no Brasil. Essa baixa produção, muitas vezes, é justificada pela “pouca procura” ou “falta de demanda”. Porém, com a reduzida oferta, o consumo também será limitado, mantendo o protagonismo das representações brancas no que se refere à fabricação, à circulação e à aquisição de bonecos(as). Preocupado com os direitos das crianças e dos adolescentes, o presidente da Fundação Abrinq, Synésio Costa afirma que “o que é importante para nós é que a criança preta no Brasil, que quer brincar com o brinquedo preto, tenha essa opção” (AVANTE, 2023).

O argumento que justifica a dificuldade em confeccionar, produzir e criar linhas relacionadas à temática racial é moldado na lógica capitalista que também

é racista e, portanto, visa o lucro antes de qualquer coisa. Essa lógica diminui e impossibilita a variedade cultural dos brinquedos e contribui para uma infância dita homogeneamente branca.

Falar de branquitude e negritude na infância é falar sobre quem é visto como humano, bonito e/ou importante e sobre quem é invisibilizado, tratado como feio e/ou excluído. Branquitude, na infância, é o lugar de privilégio racial que se apresenta como padrão de normalidade. Negritude, na infância, é sobre muitas vezes lutar sobre o seu próprio reconhecimento e dignidade (RIBEIRO, 2019).

A criança branca cresce vendo-se representada, validada e protegida, sem precisar refletir sobre sua cor ou origem, justamente porque a estrutura social favorece sua imagem e presença. Esse lugar de privilégio é muitas vezes invisível para quem o ocupa, mas contribui para a exclusão simbólica e material das infâncias negras. As brincadeiras, os(as) bonecos(as) e as personagens nas histórias de destaque na infância têm refletido a imagem da estrutura da nossa sociedade: as crianças brancas são sempre vistas e ascendem papéis sociais de destaque, diferentemente das crianças negras, que vivem uma luta constante por reconhecimento e direito a uma vida digna (DOS SANTOS, 2025, pag. 7).

Se as empresas que controlam o mercado industrial, responsável pela produção de brinquedos, não produzem ou produzem em baixa escala os(as) bonecos(as) negros(as), abre-se espaço para as artesãs e pequenas empreendedoras que transformam a confecção de brinquedos em um ato político e pedagógico. Essas mulheres, na maioria das vezes negras, utilizam dos materiais simples e técnicas tradicionais para criar bonecos(as) com diferentes tons de pele, texturas de cabelo e trajes que dialogam com a cultura afro-brasileira e africana. Dentre as iniciativas destacam-se: o *Abayomi Ateliê* (Martins, 1985), iniciativa especializada na confecção de bonecas abayomi, símbolo de resistência do povo negro escravizado no Brasil e a iniciativa *Preta Pretinha*, que produz bonecas de pano com traços e penteados afro (2000).

Essas produções artesanais cumprem um papel que vai além da estética: elas fortalecem a autoestima e o pertencimento de crianças negras ao oferecerem representações positivas de sua identidade. Ao mesmo tempo, funcionam como ferramentas educativas para crianças brancas, que aprendem, desde cedo, a naturalizar a diversidade e a reconhecer o valor de outras histórias e culturas.

#### 4. CONSIDERAÇÕES

A análise dos(as) bonecos(as) da brinquedoteca evidencia que a representatividade nos brinquedos é necessária para que todas as crianças possam se ver reconhecidas e valorizadas. Para as crianças negras, isso significa acesso a referências que fortaleçam sua identidade e autoestima; para crianças brancas, é a oportunidade de compreender e naturalizar a diversidade, reconhecendo que a sociedade é plural e que a equidade é uma responsabilidade de todos. É preciso que o sistema mude: escolas, brinquedotecas, indústrias e famílias precisam repensar a forma como reproduzem padrões de exclusão racial. Mudar essas estruturas é fundamental para que a igualdade de oportunidades e o reconhecimento de todas as identidades se tornem realidade.

A sociedade é racista, e isso exige ação. Negar ou minimizar o racismo estrutural é perpetuar a invisibilidade e a desigualdade. Por isso, iniciativas de artesãs, pequenas produtoras e políticas institucionais voltadas para a representatividade são essenciais. Elas não apenas oferecem alternativas

concretas, mas também contribuem para a construção de um ambiente mais inclusivo, no qual todas as crianças tenham a chance de se ver como protagonistas de suas histórias. A inação também é uma ação, não agir diante ao racismo nos torna éticos e responsáveis para a manutenção do racismo (RIBEIRO, 2019).

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**ABAYOMI** Boneca Preta Brasileira. História. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.bonecaabayomi.com/hist%C3%B3ria>. Acesso em: 26 ago. 2025.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p. ISBN 978-85-98349-75-6.

DOS SANTOS, Antonio N. S. et al. Política educacional e branquitude – a presença-ausência do negro e da educação antirracista nas reformas educacionais. **ARACÊ** – Direitos Humanos em Revista, [S.I.], v. 7, n. 4, p. 19842–19877, 2025. Disponível em: <https://periodicos.newsciencepubl.com/arace/article/view/4613>. Acesso em: 26 ago. 2025.

DOS SANTOS, Julia Dantas. **Branquitude e Educação**: “Estado do Conhecimento” nas pesquisas acadêmicas. 2023. Monografia (Graduação em Pedagogia) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2023. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/786958282/BRANQUITUDE-MONOGRAFIA-Julia-Antasestado-da-arte-OTIMO>. Acesso em: 26 ago. 2025

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Geledés** – Instituto da Mulher Negra, [S.I.], 2017. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/alguns-termos-e-conceitos-presentes-no-debate-sobre-relacoes-raciais-no-brasil-uma-breve-discussao/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

**PRETA PRETINHA**. A organização. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.pretapretinha.com.br/aorganizacao>. Acesso em: 26 ago. 2025.

**AVANTE – Educação e Mobilização Social**. Bonecas pretas representam 13,6% das fabricadas no país em 2023. [s.l.], 20 dez. 2023. Disponível em: <https://avante.org.br/bonecas-pretas-representam-136-das-fabricadas-no-pais-em-2023/>. Acesso em: 26 ago. 2025.

RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.